

«A LINGUÍSTICA DESVENDA SEGREDOS DA SIGNIFICAÇÃO»

= diz o autor de «Ler e depois» ao JN

1/2

Diá

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Muita gente se pergunta como surgiu em Oscar Lopes o seu interesse pelas investigações linguísticas, agora que ele aparece coroado pelos frutos do seu trabalho. Falando para o JN, ele explica como a linguística desvenda os segredos da significação na comunicação verbal normal. Vai mais longe e explica o modo como principiou a estudar as estruturas de significação e, logo, como se constrói a ideia de tempo, as referências aos objectos, as relações inclusive topográficas, enfim, a lógica intrínseca da linguagem comum.

«Sou de uma família de músicos, quer por parte do meu pai quer por parte da minha mãe — começa o catedrático de Linguística. «Na minha adolescência houve até uma certa hesitação em seguir a carreira musical, de Letras, ou de Ciências».

Oscar Lopes adverte que sempre lhe causou muita perplexidade o verificar que a música «faz sentido», que nos comunica qualquer coisa, embora seja muito difícil de pôr em linguagem aquilo que ela nos diz. Estas suas preocupações estenderam-se mais tarde às artes plásticas e às artes rítmicas, como o ballet, e tudo isso conduziu-me a preocupações sobre os sistemas de sinais, o que chamamos semiologia ou as semiologias, os diversos códigos de comunicação». Prossegue:

«Quando andei a estudar literatura, tive um excelente professor, o Francisco Torriha. Era um grande especialista de Grego e Latim e dava aulas admiráveis. Impressionou-me muito aquilo que ele me revelou acerca da estrutura das línguas antigas, nomeadamente o contraste que há, por exemplo, na maneira de exprimir o tempo entre o Grego e o Português».

• Uma influência determinante

A influência foi determinante. Oscar Lopes veio a optar pelo curso superior de Filologia Clássica na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1939. Naqueles anos já tentava «desvendar um pou-

co os segredos da significação, como se constrói a referência». Assim — continua ele a explicar — quando já estava colocado no liceu de Vila Real (1941), com o seu curso terminado, pensou que o estudo da lógica formal o ajudaria, pelo que se inscreveu, em 1942, no curso de Histórico-Filosofias coimbrão.



Para Oscar Lopes, o progresso e condição do optimismo. Mas, nessa medida, surge-lhe como fundamento da ética.

Sem deixar de se interessar pelos problemas da linguística relacionados com a semiótica, isto é, o significado das expressões, derivou a seguir para a poesia e a arte narrativa, enfim, a literatura. «Julgo que há uma liga-

ção muito profunda entre a matemática e a música (o Leibniz dizia que a música era um exercício inconsciente de cálculo) e julgo também que preocupações semiológicas se podem ligar com o mistério, com o que há de surpreendente na comunicação poética e na comunicação narrativa — sublinha Oscar Lopes. E prossegue: «Por que é que a gente conta histórias? Por que é que a gente inventa histórias e construímos mentalmente outros mundos baseados neste, mas diferentes, para dizer alguma coisa acerca deste?».

«Não vejo uma distinção fundamental entre o meu gosto pela música, pela análise formal da semiótica linguística e o meu gosto pela poesia e pela narrativa. O que acontece é que tenho tido oportunidades diferentes — considera o au-

tor da «Gramática simbólica do Português».

Depois de recordar que entre 1945 e cerca de 1957, ou até dez anos mais tarde, se interessou fundamentalmente pela crítica literária e pela história da literatura, sem esquecer uma prisão política sofrida entre 1955-1957, que o impediu de leccionar Literatura nos liceus, Oscar Lopes aponta a experiência didáctica que ensaiou, ligando a chamada matemática moderna com aquilo que no Português exige análise de algum modo lógica.

Deste modo, em 1968, com uma pequena bolsa da Fundação Gulbenkian, trabalhou com uma turma experimental no antigo Liceu de D. Manuel II (Porto) e depois, com crianças muito novas, durante três anos, na Escola Preparatória de Gomes Teixeira.

• Faculdade abriu-se com o 25 de Abril

«Foi assim — continua Oscar Lopes — que quando

disciplinas formais, nomeadamente álgebra, a formação do significado na linguagem comum. E quando foi finalmente chamado para a Faculdade de Letras do Porto em 1974, dedicou-me especialmente ao ensino desse aspecto da linguística. Claro que como professor tive de me interessar também por outras áreas, mas essa é a área da minha predilecção».

O catedrático de Linguística adverte certos riscos na aplicação das ciências exactas às línguas naturais, riscos esse — acrescenta — já denunciados por Platão, Francis Bacon e outros, porque «as línguas naturais têm uma riqueza, uma complexidade de nexos lógicos, racionais. Ainda hoje não estamos em condições de dar uma representação formal matemática satisfatória desses nexos, embora se tenham feito grandes progressos nesse sentido».

Oscar Lopes declara-se tributário de estímulo e ensinamento de Rui Luís Gomes e recorda que os estudos de semiótica formal em geral resultavam no fundo de estudos e investigações primeiro aplicados ao Grego e ao Latim e logo a outras línguas indo-europeias, registando-se tentativas descafeinadas para as adaptar a esses esquemas racionais. Continua:

«Ora, como se sabe, estamos hoje a assistir a uma emancipação de povos que durante muito tempo foram submetidos aos interesses e à hegemonia económica da Europa Ocidental e da América do Norte. O Japão, por exemplo, tornou-se uma língua de civilização de tecnologia avançada, o chinês está a caminho nesse sentido. Provavelmente certas línguas bantas, o árabe e outras, estão também a tornar-se línguas de grande importância cultural e perfeitamente adaptáveis à expressão do pensamento científico mais rigoroso e isso traz uma visão completamente nova acerca desta faculdade extraordinária que é a de comunicar verbalmente, de falar».

«Estamos a assistir a uma verdadeira revolução no estudo de toda a gama de estruturas linguísticas — insiste Oscar Lopes — desde a fonética à sintaxe, à morfológica, à lexicologia e, por exemplo, à semiótica, e até uma disciplina muito nova, que os leigos não conhecem mas é muito importante, a pragmática linguística, quer dizer, de que maneira, por vezes as mais insuspetadas, é que as línguas se ligam directamente à prática quotidiana humana».

Para o entrevistado do JN, pela primeira vez na história há uma verdadeira humanística em relação à toda a diversidade possível das

línguas humanas, mas «já adquirindo métodos e instrumentos de análise igualmente válidos para todas as línguas humanas e que se pode ter uma ideia, por um lado, da variabilidade possível dessas línguas e, pelo outro, daquilo que nelas há de universal».

Explorando esses universos linguísticos com uma perspectiva semiótica «um pouco pragmática», tem interessado a Oscar Lopes averiguar como se constrói a ideia do tempo, ou as relações temporais, inclusive nas narrativas literárias ou orais. «Uma das maneiras de conseguirmos averiguar o funcionamento desse ou de outros conceitos, ao nível mais importante que é o da própria comunicação humana quotidiana, é o estudo das estruturas linguísticas de expressão do tempo» — indica ele, para continuar:

«O estudo da referência, da capacidade linguística que nos ajuda a analisar a realidade e a instalarmo-nos dentro dela e a alterarmos a natureza que nos rodeia é muito importante», a fim de

Personalidades - Oscar Lopes - Homenagem

